

XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E
NORDESTE e PRÉ-ALAS BRASIL. 04 a 07 de setembro de 2012,
UFPI, Teresina-PI.

GT 29 - CIÊNCIAS SOCIAIS & CINEMA: ENTRE NARRATIVAS, POLÍTICAS E POÉTICAS

Autores: Ana Karina Loiola de Oliveira. Universidade Estadual do Ceará.
E-mail: anamontheli@hotmail.com

João Bosco Feitosa dos Santos. Universidade Estadual do Ceará.
E-mail: bosco_feitosa@yahoo.com.br

**A influência do trabalho e da práxis na evolução do homem:
uma análise a partir de A Guerra do Fogo.**

A influência do trabalho e da práxis na evolução do homem: uma análise a partir de A Guerra do Fogo.

Autores: Ana Karina Loiola de Oliveira.

João Bosco Feitosa dos Santos.

Resumo: O filme “A Guerra do Fogo” (La Guerre Du Feu, 1981), direção de Jean-Jacques Annaud e roteiro de Anthony Burgess, percorre o período da chamada pré-história para apresentar os processos de evolução dos homens primitivos, suas relações entre si e com a natureza, bem como as transformações sofridas em decorrência dessas relações. Essas transformações, teleologicamente fundamentadas, se revelam sob os mais diferentes aspectos: o desenvolvimento da linguagem, da capacidade de abstração e discernimento, o conhecimento através da transformação da natureza, as novas organizações sociais. O objetivo deste estudo é analisar esses processos de evolução através da perspectiva do trabalho e da práxis como categorias fundamentais da constituição do ser social.

Palavras-chave: Trabalho, práxis, ser social, A Guerra do Fogo

Introdução

Ontologia (em grego *ontos* e *logoi*, "conhecimento do ser") é a parte da filosofia que trata da natureza do ser, da realidade, da existência dos entes e das questões metafísicas em geral. A ontologia trata do *ser enquanto ser*, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres. Costuma ser confundida com metafísica. Conquanto tenham certa comunhão ou interseção em objeto de estudo, nenhuma das duas áreas é subconjunto lógico da outra, ainda que na identidade (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ontologia> Acesso em 06 mar 2012).

De acordo com Macário (2004), é importante distinguir o sentido da ontologia na perspectiva marxista de eventos meramente perenes e individuais da vida humana.

Assinalemos, pois, a título de esclarecimento, que ôntico é tudo que constitui o ser. No caso da esfera social, todos os traços, nódulos, relações, fenômenos, que reentram na sua definição possuem estatuto ôntico – independente da sua maior ou menor durabilidade. O trabalho, a linguagem, o pensamento, o amor, a política, a educação, as relações sociais, os atos individuais... todos são elementos definidores da esfera social de ser, por isto são categorias ontológicas; são categorias cujo conteúdo contribui, em algum grau, com a edificação do ser do homem (sociedade). Sua dinâmica forma de ser, entretanto, não se definem em si mesmas, mas no gradiente de relações que cada uma mantém com as outras. Desta forma, aquilo que elas são, em si mesmas, edifica-se e desenvolve-se na sua relação com a totalidade (2004, p.1).

O filme “A Guerra do Fogo” (*La Guerre Du Feu*, 1981, Fra/Can) apresenta a vida dos homens primitivos a partir de seus traços constitutivos, ônticos, enquanto seres sociais.

No filme são apresentados grupos pré-históricos, em diferentes estágios de evolução, vivendo contemporaneamente. Alguns grupos, menos evoluídos, possuíam ainda características que os aproximavam do comportamento animal, manifestadas através do nomadismo, da alimentação (insetos, animais, ovos e folhas), das vestimentas (andavam nus ou cobertos com peles de animais), das crenças, das relações sociais (restritas à própria tribo), da linguagem (grunhidos e/ou linguagem corporal). Outros já possuíam noções de

organização social, relações afetivas, sedentarização, linguagem mais articulada.

Com relação à evolução da linguagem e das relações sociais, Engels (1999) ressalta que o trabalho atua, nesse processo, como principal mediador das transformações. O contato entre as tribos, no filme de Annaud, por sua vez, propiciado pela necessidade de dominar um recurso natural (o fogo), possibilitou a troca de experiências e o surgimento de novas formas de organização e interação social.

Os homens em formação chegaram a um ponto em que tiveram necessidade de dizer algo uns aos outros (...) A comparação com os animais mostra-nos que essa explicação da origem da linguagem a partir do trabalho e pelo trabalho é a única acertada. O pouco que os animais, inclusive os mais desenvolvidos, têm que comunicar uns aos outros pode ser transmitido sem o concurso da palavra articulada. Nenhum animal em estado selvagem sente-se prejudicado por sua incapacidade de falar ou de compreender a linguagem humana. Mas a situação muda por completo quando o animal foi domesticado pelo homem. O contato com o homem desenvolveu no cão e no cavalo um ouvido tão sensível à linguagem articulada que esses animais podem, dentro dos limites de suas representações, chegar a compreender qualquer idioma. Além disso, podem chegar a adquirir sentimentos antes desconhecidos por eles, como o apego ao homem, o sentimento de gratidão, etc (1999, p.10).

Podemos ressaltar, portanto, que o que define este contraste entre grupos que viveram em um mesmo período histórico é o maior ou menor domínio sobre a natureza, por meio do trabalho. “Quanto mais o homem em formação se afastava do reino vegetal, mais se elevava sobre os animais (Engels, 1999, p.11)”

Sociedades Primitivas e trabalho em “A Guerra do Fogo”

O trabalho se apresenta, portanto, na sociologia marxista como categoria ontológico-social fundante do ser social. Pela mediação do trabalho o indivíduo objetiva sua intencionalidade teleologicamente orientada, transforma a natureza segundo suas necessidades.

Esse processo é histórico e se apresenta sob a intervenção da consciência, pressupõe o conhecimento dos meios e dos fins. Abrange, portanto, a dimensão da práxis. Ao transformar a natureza o homem transforma a si mesmo criando novas necessidades, bem como, desenvolvendo novos conhecimentos que, por sua vez, implicam na complexificação das relações sociais e de produção. Por conseguinte, estas se encontram interligadas às forças produtivas (Marx, 1991).

O período representado no filme “A guerra do fogo” é o conhecido como Paleolítico (ou Idade da pedra lascada), classificado como pré-histórico. O filme data de 80.000 anos atrás, época na qual viviam as primeiras espécies de homínídeos. Suas moradias eram cavernas utilizadas para proteção contra ataques de animais selvagens e as baixas temperaturas, decorrentes do período glacial.

O diretor Jean-Jacques Annaud busca destacar, no filme, a questão da produção e utilização, pela primeira vez, do fogo como mote principal para a busca do conhecimento e da transformação a partir da práxis. Nesse sentido, pontuamos a evidente evolução social proporcionada pelo domínio e utilização desse recurso natural.

O fogo é, portanto, o elemento central da história deste filme. Sendo assim, o grupo mais desenvolvido, grupo *Ivaka*, passa a dominar a técnica de fazê-lo e transformá-lo, através do trabalho, enquanto os demais grupos, que ainda não possuíam esta técnica, apenas o cultuavam e tratavam-no como algo sobrenatural, provocando vários conflitos na tentativa de obter o fogo e os benefícios dele provenientes.

No filme, são mostrados quatro diferentes grupos de homínídeos. A primeira tribo, chamada *Ulam*, é a tribo composta de homínídeos mais primitivos. Esta é surpreendida por um ataque na intenção da obtenção do fogo da tribo dos *Wagabou* (tribo pouco evoluída que quase não se diferencia dos macacos devido aos seus corpos cobertos de pelos e por não possuir linguagem bem desenvolvida).

Durante os conflitos entre as tribos, a tribo *Ulam* sai vencedora, no entanto, posteriormente tem seu fogo apagado e, considerando que não sabiam como produzi-lo, os personagens de *Noah*, *Gaw* e *Amoukar*, três guerreiros mais fortes e com aparente liderança sobre o grupo, saem em uma jornada para conseguir outra chama e realimentar seu fogo perdido.

Durante o percurso, entram em conflito com a tribo antropófaga *Kzamm* ao tentar roubar o fogo deles. No entanto, após mais uma batalha vencida pelos *Ulam*, *Noah* conhece *Ika*, uma mulher que pertence à tribo avançada dos *Ivaka* e que estava prisioneira da tribo dos *Kzamm*.

Tendo descoberto a maneira de manipular e produzir o fogo, a tribo *Ivaka* passa a utilizá-lo das mais diversas formas no sentido de intervir na natureza para sua proteção e alimentação, se tornando cada vez mais evoluída. Os guerreiros viajantes, por sua vez, após entrarem em contatos com as diversas tribos em diferentes estágios de evolução, são expostos a diversos conhecimentos novos, como: pintura corporal, lançadores de flecha, cerâmica, ervas medicinais, construção de cabanas e, principalmente, a arte de produzir fogo por atrito. Sendo assim, retornam à sua tribo e transmitem para os companheiros todos os conhecimentos adquiridos durante a jornada em busca do fogo.

Considerando o planejamento e a execução da jornada dos guerreiros em busca do fogo, podemos observar, portanto, que o desenvolvimento das forças produtivas operadas na tribo, sobretudo após o domínio da técnica de produção do fogo, traz consigo mudanças na organização do trabalho e, posteriormente, das relações sociais como um todo, sempre no sentido da evolução histórica. Dessa forma, daremos ênfase, no referido estudo, ao processo de desenvolvimento das tribos, realizando uma análise desse processo a partir da perspectiva ontológica marxiana da transformação social e intelectual através do trabalho.

A mediação do trabalho na transformação da natureza

As pesquisas de Lukács, trouxeram à tona a questão ontológica já desenvolvida no pensamento de Karl Marx. Pois o mesmo, instaurou os fundamentos de uma nova ontologia. Marx, pensou o homem enquanto ser social determinado, considerando-o com ser histórico, ou seja, a história como parte do processo global. Para tal compreensão, Lukács (1989), se utilizou de categorias analíticas que propiciariam a apreensão do movimento do real. São elas: essência, singular, particular, fenômeno, todas redimensionadas ao processo histórico que lhe conferem devida efetividade e integração.

Os referidos conceitos discutidos por Lukács (1989) se configuraram numa nova ontologia, diferentemente da ontologia especulativa nos moldes hegelianos. A partir dessa nossa forma de compreensão, tal ontologia fixa se confronta com novas formas de existência determinadas historicamente. Lukács (1989) argumenta que o corpo orgânico não existe sem o corpo inorgânico. Dessa forma, destaca a relação dialética, nos moldes de Marx, entre homem e natureza.

Para Lukács a dialética está presente não apenas no corpo social, mas também na natureza. Há uma dialética, um movimento próprio do mundo inorgânico. Emerge na análise de Lukács dois tipos distintos de dialética: a primeira é posta e objetivada pelo ser genérico social; já a segunda, se dá independentemente deste, que é própria do movimento da natureza. Caminhando no mesmo sentido, e, estabelecendo o mesmo paralelo analítico, podemos observar que, assim como há dois movimentos da dialética há também dois movimentos de objetivação: por um lado, o movimento do ser social; e pelo outro, o movimento da natureza. Apesar de serem movimentos dialéticos de objetivações distintos, pode-se notar uma conexão, uma relação umbilical entre ser social e natureza. É, portanto, a partir dessa relação dialética entre corpo orgânico e inorgânico, que podemos compreender o estatuto ontológico proposto por Marx e desenvolvido por Lukács (Macário, 2004).

Sendo assim, podemos questionar: a tribo *Ulam* teria se desenvolvido da mesma forma se não tivesse entrado em contato com outras tribos? Os guerreiros da tribo teriam partido para conflitos com o desconhecido se não tivessem sentido a necessidade de trazer o fogo para o cotidiano da sua tribo?

A mediação entre corpo orgânico e inorgânico, para Lukács (1989) é dada através do trabalho, da práxis. Partindo dessa perspectiva histórico-

filosófica, podemos observar que ao dominar a arte, o conhecimento, o saber prático ou a técnica para a obtenção do fogo, e objetivar esse conhecimento, através mediação do trabalho, o herói do filme, Noah, passa a dominar um elemento da natureza, o que o torna livre da dependência de um fenômeno natural, como um raio ou um grande aquecimento, para provê-lo. É o processo de transformação do ser orgânico em ser social através da práxis.

Quanto ao ser social, é análogo o lugar que aí assume a vida orgânica (e por seu intermédio, naturalmente, o mundo inorgânico). Já falamos, em outro contexto, dessa linha evolutiva do social, daquilo que Marx chamou de “recuo das barreiras naturais”. Na verdade, aqui é interdita, a priori, qualquer experiência que nos possa fazer retornar aos momentos de passagem da prevalência da vida orgânica à socialidade. É exatamente a total irreversibilidade ligada ao caráter histórico do ser social que nos impede de reconstruir, por meio de experiências, o *hic et nunc* desse estágio intermediário. Deste modo, nós não podemos ter um conhecimento direto e preciso dessa transformação do ser orgânico em ser social. O máximo que se pode obter é um conhecimento *post festum*, aplicando o método marxiano, para o qual a anatomia do homem fornece a chave para a anatomia do macaco e para o qual um estágio mais primitivo pode ser reconstruído — no pensamento — a partir daquele superior, de sua direção evolutiva, de suas tendências de desenvolvimento. A maior aproximação nos é trazida, por exemplo, pelas escavações, que lançam luz sobre várias etapas intermediárias do ponto de vista anatômico-fisiológico e social (utensílios, etc.). O salto, no entanto, permanece um salto e, em última análise, só pode ser esclarecido conceptualmente através do experimento ideal (Lukács, 1989, p.2)

As categorias específicas do ser social

Segundo Macário (2004), o homem se diferencia dos demais animais porque tem a capacidade de interferir e transformar o meio em que vive a seu favor, de acordo com suas necessidades e, a partir daí, transformar também a si próprio.

Para Macário (2004), a constituição do ser social e de seus complexos categoriais não se opera no isolamento. “Com efeito, o ser mesmo de cada categoria social (...) é engendrado pela mediação das relações que se estabelecem com todos os outros complexos categoriais” (2004, p.2). Esse fato pode ser exemplificado claramente no processo de constituição e organização das tribos no sentido da sobrevivência da coletividade.

Interessante ressaltarmos que, na medida em que os membros tribo *Ulam* (que se alimentavam de insetos, animais, ovos e folhas, moravam em cavernas, se comunicavam através de grunhidos e tinham suas relações sociais restritas à própria tribo) entravam em contato com outras tribos através de conflitos e ações recíprocas, tanto mais desenvolvidas quanto mais pré-históricas, novos conhecimentos eram apreendidos.

Para Lukács (1989), essas ações recíprocas compõem uma dinâmica própria que direciona a ação do ser social.

A ação recíproca de que se fala aqui tem que ir para além da ação recíproca de objetos imutáveis; ela não vai efetivamente além senão na sua relação com o todo; a relação com o todo se torna a determinação que condiciona a forma de objetividade de todo objeto; toda a mudança essencial e importante para o conhecimento manifesta-se como mudança da relação com o todo e por isso mesmo como mudança da própria forma de objetividade (...) (Lukács, 1989, p.28 apud Macário, 2004, p.8).

Ressaltamos, então, que a totalidade compreende, portanto, a síntese de vários objetos ou categorias em um movimento que põe a necessidade e as possibilidades de evolução, condicionando e determinando as formas de objetividade. Sendo assim, a captura dos fenômenos singulares, como as guerras entre as tribos ou o domínio do fogo, pela consciência do ser, tem de acontecer através da apropriação do imediato e dos complexos processos que os relacionam com o todo no qual agem. É através desse movimento que as mudanças acontecem no nível da singularidade (Macário, 2004, p.3).

Com efeito, o que caracteriza a essência é o caráter de continuidade, isto é, as sínteses complexivas dos momentos singulares que se coagulam e fixam, formando relações duradouras, com legalidade própria. Essência e substância não estão, assim, separadas do fenômeno; são dimensões

inerentes à mesma e única processualidade. Consequentemente, inscrevem-se no mesmo movimento, mutável, por excelência, da história (idem, 2004, p.4)

A ordem da dinâmica social

A apropriação do real, sua captura pela consciência, sua apreensão e objetivação através do trabalho e da práxis e a posterior transformação social são percursos da dinâmica social histórica e podem ser acompanhados no decorrer dos conflitos em “A Guerra do Fogo”.

Essa dinâmica segue uma lógica que Lukács classificou em dois momentos, descritos a seguir:

A esfera social só pode existir se tem por base as duas esferas (orgânica e inorgânica). O homem, enquanto ser vivo, objetivo, precisa interagir com o restante dos objetos, com a natureza na qual habita no sentido de manter-se vivo. Esta é uma necessidade que se impõe também a animais e plantas que trocam substâncias para a garantia de sua reprodução e sobrevivência ao longo do tempo.

O intercâmbio do homem com a natureza, contudo, é consciente e carrega a finalidade mediada pelo trabalho. Em sendo consciente, a atividade vital humana pode se apropriar das possibilidades oferecidas pela natureza e transformá-la em algo inteiramente novo. As objetivações assim produzidas pelo trabalho constituem os valores de uso das formações sociais (Macário, 2004, p.4).

O fato da atividade humana consciente mediada pelo trabalho nos permite afirmar que o trabalho detém o estatuto de prioridade ontológica em confronto com outras atividades humanas, na medida em que, é através dele que o homem, em sociedade, garante a reprodução da vida e a transformação dos valores sociais. Dessa forma, a produção econômica, e a posterior mudança nos padrões linguísticos, culturais e sociais das tribos constituem a base de reprodução da totalidade social.

Destacamos aqui o fato de que a linguagem, a educação, a política, a ciência, a filosofia, pressupõem a existência de homens vivos e em pleno intercâmbio em sociedade e com a natureza. Pressupõem, portanto, a produção pelo trabalho.

Quando atribuímos uma prioridade ontológica a determinada categoria com relação a outra, entendemos simplesmente o seguinte: a primeira pode existir sem a segunda, enquanto o inverso é ontologicamente impossível. É algo semelhante à tese central de todo o materialismo, segundo a qual o ser tem prioridade ontológica com relação à consciência. Do ponto de vista ontológico, isso significa simplesmente que pode existir o ser sem a consciência, enquanto toda consciência deve ter como pressuposto, como fundamento, algo que é. Mas disso não deriva nenhuma hierarquia de valor entre ser e consciência (...) O mesmo vale, no plano ontológico, para a prioridade da produção e da reprodução do ser humano em relação às outras funções (Lukács 1979 p.40-41).

O trabalho, entretanto, não pode surgir e evoluir senão como um momento da totalidade social.

É preciso, pois, ter sempre presente que se trata de uma passagem que implica num salto — ontologicamente necessário — de um nível de ser a outro, qualitativamente diferente. A esperança da primeira geração de darwinistas de encontrar o elo perdido entre o macaco e o homem devia falhar até porque as características biológicas só podem iluminar as etapas de passagem, não o salto em si mesmo. Nós, porém, também acentuamos que a descrição, por mais precisa que seja, das diferenças psico físicas entre o homem e o animal não apanhará o fato ontológico do salto (e do processo real no qual este se realiza) enquanto não puder explicar a gênese destas peculiaridades do homem a partir do seu ser social. Do mesmo modo como não são capazes de esclarecer a essência destas novas conexões as experiências psicológicas com animais muito evoluídos, especialmente com os macacos. Esquece-se freqüentemente que nestas experiências os animais são postos em condições de vida artificiais. Em primeiro lugar, fica eliminada a natural insegurança da sua vida (a busca do alimento, o estado de perigo); em segundo lugar, eles trabalham com utensílios, etc. não feitos por eles, mas fabricados e reagrupados por quem realiza a experiência. Ao contrário, a essência do trabalho humano está no fato de que, em primeiro lugar, ele nasce em meio à luta pela existência e, em segundo lugar, todos os seus estádios são produtos da auto-atividade do homem. Por isso, certas semelhanças, muito supervalorizadas, devem ser

vistas com olhar extremamente crítico. O único momento realmente instrutivo é a grande elasticidade que encontramos no comportamento dos animais superiores. Todavia, a espécie na qual se deu o salto para o trabalho deve ter representado um caso-limite, qualitativamente ainda mais evoluído; com efeito, as espécies hoje existentes se encontram num degrau claramente muito mais baixo e não dá para colocar uma ponte entre estas e o trabalho propriamente dito (Lukacs, 1979, p.34).

De acordo com Macário (2004), é correto afirmar que a atividade humana vital se exerce sobre a natureza, mediada por um conjunto de relações sociais. Trata-se de uma atividade polifásica cujas ações ou operações se apresentam divididas e combinadas. O trabalho, portanto se processa sempre e necessariamente mediado por uma forma específica de cooperação. Isto implica que no âmbito da atividade laboral, os homens tenham de se comunicar.

E essa comunicação é também um elemento presente e marcante na trajetória dos três membros da tribo em busca do fogo, posto que a comunicação foi também algo que se alterou dentro do cotidiano das relações da tribo em virtude do conhecimento adquirido através da práxis e do trabalho. Outros tipos de linguagem, sentimentos e comportamentos foram surgindo como necessidade do processo de transformação e evolução das tribos.

Considerações finais

Ao longo do filme podemos observar diversos conflitos que os personagens enfrentaram entre as tribos. Conflitos estes que foram impulsionados pela objetividade do ser social no sentido de uma transformação da natureza, através da práxis, em função de suas necessidades e provocaram, por sua vez, uma evolução histórica, continua e dinâmica.

A descoberta do fogo, que se deu, no filme, de forma casual, trouxe consigo uma série de novas necessidades, ao mesmo tempo em que possibilitou às tribos a fabricação de instrumentos de defesa, de proteção contra o frio e o ataque de animais, etc. Essas transformações se refletiram no

comportamento dos grupos. A análise desse contexto histórico evolutivo nos permite ressaltar os seguintes aspectos relevantes:

- O processo de luta pela sobrevivência fora do ambiente protegido das cavernas, impulsionou as tribos à exposição a ambientes desconhecidos, passíveis de ataques de animais selvagens e também de outras tribos que. Um exemplo disso é a luta da tribo *Ulam* contra a tribo *Wagabou* e a tribo *Kzamm* pela conquista do fogo;

- Os conflitos culturais e tecnológicos entre as tribos, representadas pelos guerreiros *Noah*, *Gaw* e *Amoukar* e *Ika* propiciaram a exposição dessas tribos a diversos conhecimentos novos, tais como: utilização da cerâmica, utilização de ervas medicinais, pintura corporal, construção de moradias, o uso da linguagem oral mais desenvolvida para expressar sentimentos e também a descoberta de emoções e sentimentos como o riso, o prazer e o amor.

- A expressão destes sentimentos criou novas formas de comunicação. Com relação à linguagem, Rousseau afirma que “a palavra distingue os homens entre os animais” (1999, p. 259). Para ele, a linguagem não se dá apenas pela necessidade, visto que os animais também têm as mesmas necessidades físicas do homem. De acordo com Rousseau, “não é a fome ou a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera, que lhes arrancaram as primeiras vozes” (1999, p.266). Em algumas cenas do filme é perceptível que a tribo *Ivaka* expressa seus sentimentos como a felicidade (através da manifestação do riso), a demonstração de afeto e os sons emitidos por eles que mais se assemelham às palavras.

- A coexistência de diferentes tribos de homínídeos em uma mesma época, para Charles Darwin (1859), seria sustentada pela lei de seleção natural da Teoria de Evolução das Espécies, que determina que apenas os mais adaptados ao ambiente poderão sobreviver. Sendo assim, pode-se inferir que somente as diferenças que facilitam a sobrevivência são transmitidas à geração seguinte. Isso explicaria o por quê de apenas os homínídeos mais adaptados às condições da época, permanecerem.

Referências Bibliográficas

CAMPOS, B. **A língua em Rousseau: Sua origem e finalidade como expressão da liberdade humana**. Pensamento espontâneo. Disponível em: <http://pensamentoextemporaneo.wordpress.com/2009/06/20/a-linguagem-em-rousseau-sua-origem-e-sua-finalidade-como-expressao-da-liberdade-humana/>. Acesso em 05/2012

CUNHA, R. **A Guerra do Fogo** (*La Guerre du feu*, 81, FRA/CAN), disponível em <http://www.comciencia.br/resenhas/guerradofogo.htm>. Acesso em 05/2012.

EISLER, R. **O cálice e a espada**. 1 Edição, Editora Palas Athena, 2008.

ENGELS, F (1876). **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem**. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook. 1999. Disponível em: http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/F_ANGELS.pdf. Acesso em: 03/2012

FOGO, a Guerra do. Título original: **La Guerre du Feu**, 1981. Países: França e Canadá. Direção: Jean Jacques Annaud.

LÁZARO, Ao direito, direitos. **Resenha: A Guerra do Fogo**, disponível em: <http://aodireitodireitos.blogspot.com/2008/06/resenha-guerra-do-fogo.html>. Acesso 05/2012.

LUKACS, G.. **Para a Ontologia do ser social**. O trabalho. 1979.

LUKÁCS, G. (1969). **As Bases Ontológicas da Atividade do Homem**. In: Temas de Ciências Humanas, v. 4. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

LUKÁCS, G. (1971). **Ontologia do Ser Social – A Falsa e a Verdadeira Ontologia de Hegel**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LUKÁCS, G. (1972). **Ontologia do Ser Social - Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LENIN, V.I. **Cuadernos Filosóficos**, 2ª ed. Buenos Aires: Ediciones Estudio, 1974.

LENIN. **History and Class Consciousness**. ISBN 0-262-62020-0. Acesso em 05/2012.

MACÁRIO, E. **Ontologia do ser social e educação**. Disponível em <http://dc105.4shared.com/doc/LsL5vNZZ/preview.html> Acesso em 05/2012.

MARX, K. **O Capital - Crítica da Economia Política**, livro 1, vol. 1, 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MARX, K. O Método da Economia Política. In **Para a Crítica da Economia Política**. *Os Pensadores*, 2ª ed. São Paulo: Abril, 1978, p. 116-123.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos...**, São Paulo, Nova Cultura, 1991.

MATOS, F. **Ensaio sobre a origem das línguas**, disponível em:
<http://resenhasbrasil.blogspot.com/2008/10/ensaio-sobre-origem-das-linguas.html>. Acesso em: 05/2012

ROUSSEAU, J – J. **Do contrato Social: Ensaio Sobre a Origem das Línguas**. Nova Cultural. Vol. I. 1999.

SAVIANI, D. (2004). Perspectiva Marxiana do Problema Subjetividade-Intersubjetividade. In: DUARTE, N (org.). **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**. Campinas, SP: Autores Associados.

SOUSA, R. **Evolucionismo, uma teoria mal interpretada**. Brasil Escola. Disponível em:<http://www.brasilecola.com/historiag/evolucionismo.htm>. Acesso em: 05/2012.

VALÉRIO, M. XR. **Teoria da evolução**, disponível em
http://www.xr.pro.br/teoria_evolucao.html. Acesso em 05/2012.